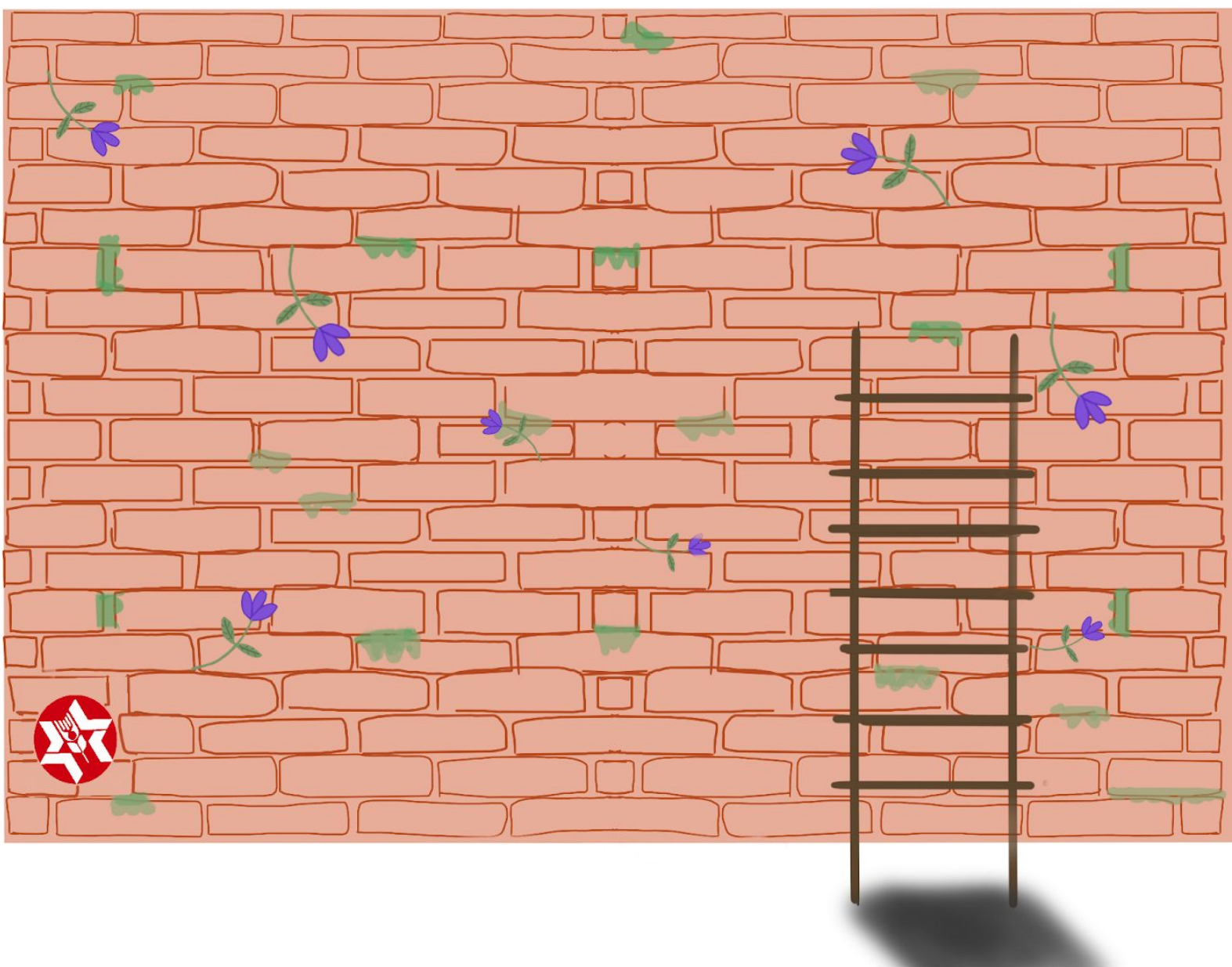




הגדה של פסח

Hagadá de
Pessach

Habonim Dror Artzi 2020





Prefácio

Por Dan Griner e Helena Jablonski (snif Rio de Janeiro)

A Hagadá foi escrita após a destruição do segundo templo pela mão dos Romanos. Nesse período, o Judaísmo teve que se adaptar para sobreviver em tempos onde a prática não era permitida. Foi então que, com o estudo do Talmud, foi idealizada e escrita a Hagadá de Pessach. Muitos anos depois de sua criação, continuamos a discuti-la, no desejo de ressignificá-la para tempos atuais. Não é a toa que o Habonim Dror monta uma Hagadá diferente todo ano!

Mas então, como poderíamos ressignificar ela tantas vezes sem perder sua essência? Sem perder a idealização feita lá atrás, por volta de 600 a.E.c. (*antes da era comum*)? Existe a ideia simples da Hagadá, fundamentada na passagem da escravidão para liberdade. No entanto, a prática judaica permite e incentiva a discussão, nos levando a pensar em quais formas de liberdades e escravidões ainda existem, ou o que significariam os 40 anos no Egito. Desses questionamentos surgem as ressignificações, de forma que as tradições e essências da Hagadá não sejam perdidas, mas levadas para os tempos atuais.

Neste ano, nós não somos os únicos a lidar com o processo de ressignificação. O mundo inteiro está sendo, forçosamente, encaminhado a múltiplas adaptações. Nos deparamos, cara a cara, com uma situação com a qual não estamos acostumados, não sabemos exatamente como lidar e o que esperar. No entanto, apesar de inédita para nós, diversas vezes na história o curso natural dos acontecimentos foram revertidos, impedidos ou até destruídos. Tenha sido no funcionamento das Tnuot durante a Shoá, na destruição do Segundo Templo ou na vida de artistas e militantes durante a Ditadura Militar, a adaptação e as ressignificações foram a peça chave para a manutenção de um legado.

Assim, nos perguntaremos essa noite: Por que este Seder é diferente dos outros Sedarim? Há diversas possibilidades de respostas: negativas, positivas ou factuais. Que possamos escolher, dentre elas, as positivas. Nosso Seder será distinto esse ano, pois a forma como celebraremos a liberdade será valorizando-na mais; a confraternização



em família será, acima de tudo, pela transmissão de pensamentos e desejos positivos aos que estão distantes; e, principalmente, a manutenção de nosso legado será realizada por meio das ressignificações.

Esperamos que todos tenham um Seder bonito e agradável, e que possamos enxergar as companhias de nossas casas como as melhores companhias possíveis para esta noite. Desejamos que os leitores dessa Hagadá sintam-se parte do grande Seder de Pessach do Habonim Dror, o qual ocorrerá desta vez no imaginário de cada um. Sigamos com a premissa do Judaísmo Cultural Humanista, sempre buscando a possibilidade de reinventar, a potência para adaptar e a vontade de significar.

Keará - קערה

Por Leonardo Fontenelle e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)



A Keará é uma travessa circular onde são dispostos seis alimentos que nos remetem à travessia de Pessach. Dependendo do lugar onde cada comunidade judaica se situa, há alimentos que são substituídos por outros, podendo assim manter o judaísmo da forma como sempre fizemos: a partir de adaptações, possibilitando a manutenção de nossa religião viva e renovada por todas as partes do mundo.



Beitzá (ovo cozido ou assado após seu cozimento)



Representa a Hagigá, o sacrifício feito em todos os chaguim na época do grande templo em Jerusalém. O ovo e seu formato também representam o ciclo da vida e que em tempos de escuridão sempre há esperança de que virão tempos de luz. Essa peça da keará também representa a resiliência do povo

judeu, que diante de circunstâncias difíceis, endureceu e se tornou mais resistente, assim como ocorre no cozimento do ovo, que diferente da maior parte dos alimentos, que amolecem quando são aquecidos, o ovo endurece. A palavra ovo em aramaico é beiah, que é parecida com a palavra desejo na língua antiga. Essa tradução pode nos levar a muitas interpretações, uma delas é que o ovo representa o desejo do povo judeu de redenção e liberdade, que foi atendido.

Zroá (osso de pernil de cordeiro ou asa ou pescoço de frango assado)

Tradicionalmente, o zroá nos remete à expressão “com a mão forte e o braço estendido”, encontrada na Torá, na Parashá Vaerá (Êxodo - Shemot), que se refere à postura de Deus em relação ao povo hebreu na narrativa de Pessach. Deus se coloca então como um sujeito presente, uma figura que cuida, auxilia e, como nos diz a passagem, se propõe a tirar os

hebreus do Egito com mão forte e braço estendido.

Deus não esteve sozinho nessa postura ativa de transformação da condição do povo. Se não houvesse um movimento interno da própria comunidade hebréia, dificilmente a história levaria à libertação. Para haver liberdade, há a necessidade de uma mobilização das forças internas em cada um. A condição



de liberdade, nesse sentido, não foi dada por um outro, mas sim resultado de resistência.



força de todos os movimentos que se organizaram e se organizam para resistir às mais diversas formas de opressão. Onde há uma força que oprime, sempre há uma outra que resiste e abre novos caminhos.

Assim, o zroá, presente em nossa keará hoje, representa a

Charosset (pasta de maçã, acompanhada de passas, nozes, ameixas e tâmaras, variando de acordo com cada tradição familiar)

O charosset representa a argamassa utilizada nas construções pelos hebreus escravizados no Egito. Esse elemento nos lembra que todo trabalho em que há alguma forma de exploração deve ser veementemente combatido. Nesse sentido, acreditamos que seja importante nesse momento pensar que poder escolher com o que se trabalha e o trabalho como uma forma de realização pessoal e comunitária são paradigmas acerca do mesmo adquiridas a partir de processos históricos. Poder viver o trabalho de uma maneira em que ele esteja associado ao prazer é um privilégio que deve ser valorizado.

Maror (raiz forte) e Chazeret (alface romana)

A erva amarga. Ao comermos o Maror, devemos nos lembrar da amargura durante a escravidão no Egito. Tradicionalmente, o Maror era feito com a alface romana (chazeret). A primeira mordida é doce, porém com o tempo vai se tornando amarga, como foi a vida do povo judeu no Egito. No início, os Faraós eram sensíveis e compreensivos com o povo judeu, que eram pagos por seu trabalho. Com o tempo, os Faraós começaram a desrespeitar e se impor sobre o povo judeu, o escravizando. Relembrar Pessach é também relembrar que devemos



sempre tomar cuidado com as promessas que nos são feitas, pois podem se virar contra nós.



Karpás (batata cozida ou outro vegetal não amargo)

O Karpás representa a prosperidade inicial do povo judeu durante seu tempo no Egito. Com seu crescimento contínuo, o Faraó decidiu nos escravizar e depois disso mandou matar todos os meninos recém nascidos. No decorrer do Seder colocamos o Karpás em água salgada ou vinagre, que representa a esperança de novos nascimentos e as lágrimas dos judeus escravizados.

Se reorganizarmos as letras da palavra Karpás em hebraico, chega-se a palavra parech, que é trabalho árduo ou escravidão. Outra reorganização é a palavra samech, que é a letra hebraica O. A letra samek é numericamente equivalente a 60, representando os 600.000 judeus escravizados.

Tapuz (laranja)

A laranja é um elemento novo na keará, proposto pela rabina estadunidense Susannah Heschel, a partir de uma prática iniciada na comunidade judaica de Ohio. Ao trazermos essa fruta para nossa keará, buscamos ampliar a visibilidade de grupos historicamente marginalizados - mulheres, LGBT+ e negros, tanto na comunidade judaica, quanto fora dela. Toda história é contada a partir de um olhar. Hoje, em nossa tnuá, buscamos cada vez mais inserir outros olhares na maneira como contamos histórias e educamos nossos chaverim e



nossas chaverot. Assim, buscamos que a tnuá seja, a cada dia mais, um lugar seguro e de acolhimento em um mundo que muitas vezes não tem garantia de direitos e espaço para todos e todas.

Na primeira parashá de Êxodo (Shemot), Deus diz a Moshé: “E desci para o livrar do poder do Egito e para o fazer subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa”. Gostaria de destacar aqui a palavra espaçosa. Mitzraim (Egito) pode ser interpretado como estreito, o que gerava também uma sensação de aperto em cada coração judaico. Sair do Egito significou também sair desse espaço apertado, onde não se podia ser quem se é. Acreditamos na educação como esse caminho que amplia espaços. Assim, convidamos cada família a repartir essa laranja em homenagem à constante conquista de novos espaços e de centralidades a grupos que, até então, estavam limitados ao estreito das margens.





BeKol Dor Vador - בכל דור ודור

Brachá

בכל דור ודור חייב

האדם לראות את עצמו כהילו הוא יצא ממצרים. שנאמר: והגדת

לבנך ביום ההוא לאמור בעבור זה עשה יהוה לי בצאתי ממצרים

Transliteração

Bechol dor vador chaiav adam lir'ot et atz- mo kehilu hu iatzá
miMitzraim. Sheneemar v'higadta l'binchá bayom hahu leemor ba- avur zé
assá Adonai li betze'ti miMitzraim.

Tradução

Em cada geração, toda pessoa deve sentir-se como se ela própria
tivesse saído do Egito, assim como está escrito: "Naquele dia contarás a teu
filho: Isto é por causa do que o Eterno fez por mim, quando eu mesmo saí do
Egito."

Por Luiz Bines (snif Rio de Janeiro)

O Egito não é mais governado por faraós, os judeus não são mais
escravos e um avião pode cruzar o Deserto do Sinai em menos de uma
hora.

Como podemos cumprir a promessa de nos sentirmos como se
tivéssemos saído do Egito - e ainda ensinar isso às crianças - se o
mundo relatado na Hagadá é tão diferente do nosso?



Nunca conseguiríamos nos colocar no lugar dos nossos recém-libertos antepassados e, mesmo assim, essa brachá nos desafia a buscar uma conexão com o relato do Êxodo.

Para fazermos isso, não podemos adotar a perspectiva de Moshé e dos demais hebreus da época: devemos trazer Pessach ao nosso mundo, preservando a narrativa original. Devemos buscar os equivalentes do nosso cotidiano para captarmos o sentimento desejado nessa brachá. Nossa conexão com Pessach não pode se dar simplesmente porque nós, assim como eles, não gostaríamos de ser escravizados e acharíamos impressionante ver um mar se abrindo.

A Torá foi escrita para fazer sentido em todas as épocas e, justamente por isso, devemos entender como os acontecimentos desse chag estariam representados na nossa realidade. Talvez o episódio do mar vermelho se dê, hoje, por meio da superação de nossas próprias barreiras físicas e mentais. A escravidão dos Filhos de Israel pode estar refletida nas atuais injustiças institucionalizadas.

A adaptação de rezas - e de Hagadot - serve justamente para isso: ao alterarmos palavras – e, por vezes, até a intenção original - nos permitimos sentir a mesma emoção e conexão que nossos antepassados sentiam com o relato. Dessa forma, nos tornamos capazes de entender e, possivelmente, nos identificar com os antes tão distantes faraós, escravos e deserto.

Kadesh - קדש

Por Alice Rosenthal (snif São Paulo) e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)

Criamos uma tradição especial nas Hagadot de Pessach do Habonim Dror: tornar o momento de cada copo de vinho em uma homenagem para aquilo ou aqueles que se relacionam ao tema escolhido do ano. Essa ressignificação possibilita a reflexão sobre a valorização de certos elementos que muitas vezes passam despercebidos em nosso dia a dia. Esta noite é uma noite diferente de todas as outras, o que nos faz também enxergar o mundo de outra forma.



Este momento de exílio em que nos encontramos devido a uma pandemia mundial não se mostra um momento novo para o povo judeu, que em grande parte de sua história teve de se manter exilado para preservar sua existência. Acreditamos que seja importante ressaltar que o exílio que estamos vivendo agora é diferente de todos os outros exílios que viveu o povo judeu, no sentido de que poder estar em nossas casas é um privilégio, é o que pode nos manter seguros e proteger também pessoas ao nosso redor. Ainda que seja uma situação completamente distinta das demais, há uma reflexão interessante que permeia essa situação de exílio, que é exatamente a sua condição passageira. A condição necessária para o exílio é que haja um lugar, um tempo, uma circunstância imaginária para onde se deseja retornar.

Mas não há retorno: a terra de Canaã não foi a mesma da qual partiu Yossef e à qual retorna o povo hebreu após a travessia que se inicia em Pessach. Muitas mudanças sociais e culturais, encontros e desencontros se deram por lá no período em que o povo hebreu viveu no Egito. Também, nossas vidas serão marcadas pelos processos que estamos vivendo nesse momento passageiro de isolamento, e quando ele chegar ao fim, possivelmente muito haverá se transformado, em amplas esferas.

Dada a situação em que estamos vivendo nosso Pessach, propomos uma mudança de olhar sobre esse exílio, focalizando naquilo que ele pode gerar, partindo daquilo que poderia ser visto apenas como negatividade para uma direção de reflexão e construção.

1º Copo de Vinho - *À criação de um mundo interno*

Por Alice Rosenthal (snif São Paulo) e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)

Neste copo, queremos dedicar uma homenagem à criação de um mundo interno. São raras as situações em que podemos nos encontrar com nós mesmos, de maneira tão intensa. A angústia do confinamento solitário, que é algo muitas vezes doloroso, pode também servir de norte e impulso para a criação de um mundo interno.



Assim, dedicamos esse copo à possibilidade que é gerada pelo enclausuramento de entrarmos em contato com nossas profundidades, nossos espaços internos que são deixados de lado na correria cotidiana.

Que esse período de “exílio” seja um tempo em que seja possível uma nutrição de nossas subjetividades com aquilo que nos alimenta, com aquilo que nos faz descobrir mais de nós mesmos.

Le chaim!

Brachá

ברוך אתה יהוה
אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן

Transliteração

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá Ressignificada

Que a doçura, precedida pelo amargor do vinho, nos norteie sempre a caminho de nossas potencializações. Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha.

Shehecheianu

Brachá

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם
שהחיינו וקיימנו והגיענו לזמן הזה.



Transliteração

Baruch ata Adonai, elohenu melech haolam, shehecheyanu vekimanu vehigianu lazman haze.

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que deu vida, nos sustentou e nos fez chegar a este momento.

Por Luiz Bines (snif Rio de Janeiro)

Shehecheianu. Que vivemos.

Viver pode ser encarado como um ato tanto passivo quanto ativo, e devemos agradecer por ambas as nuances. Vivemos graças aos nossos pais, que nos criaram e cuidaram. Vivemos também por nosso próprio mérito, por batalharmos para nos preservar.

A dualidade do viver está representada em Moshé: quando bebê, é colocado na arca de juncos por sua mãe, Yoheved, de forma a se manter vivo; quando adulto, manteve a si e ao seu povo vivos por meio de sua persistência e liderança.

Agradeçamos, portanto, aos que nos antecederam e a nós mesmos pela nossa vida.

Shequimanu. Que existimos.

Existir demanda a confirmação da existência. Existimos porque temos pessoas ao nosso redor nos assegurando da nossa importância e relevância no mundo.

Em Pessach, o Povo ressurge do meio do que antes eram apenas escravos sem conexão mútua. A partir do momento em que todos se identificam como Povo, ele passa a existir.

Agradeçamos a todos presentes no seder por, juntos, garantirmos a existência de nós como indivíduos e grupo.

Sheiguiyanu lazman hazeh. Que chegamos a esse momento.

Não estamos aqui. Chegamos. Para chegarmos, o que foi necessário? Pelo que passamos? Como chegamos até aqui? Sozinhos? Com ajuda divina? Carregados por outros?

Esse momento é fruto de um passado repleto de momentos bons e ruins. Essa brachá, entretanto, não nos pede para sermos gratos às



coisas ruins pelas quais passamos. O que nos é pedido é que apreciemos o fato de, apesar de tudo, termos conseguido chegar até aqui, vivos e existindo.

Urchatz - ורחץ

Lavam-se as mãos

Por Pablo Mamrut (Habonim Dror Uruguai)

Antes de levantar-se da mesa e lavar as mãos, cada um deve ser crítico de si mesmo, tirar um tempo para refletir e pensar em um momento em que tenha agido como o faraó, de maneira opressiva, inflexível e com o coração endurecido.

Se lavam as mãos e, se algum dos participantes desejar, pode contar em que momento de sua vida agiu como o faraó e sobre o que refletiu.

É importante lembrar que lavar as mãos, para o povo judeu, é algo elementar, uma das primeiras ações que deve ser ao se levantar, dia após dia. Este ano, 2020, para darmos início ao novo seder de Pessach, lavamos as mãos para nos purificarmos e deixar para trás toda a escravidão que nos acompanhou por todo o ano passado.



Antes de levantarse de la mesa y hacer el lavado de manos, cada uno debe ser crítico de sí mismo, tomarse un momento de reflexión y pensar un momento en el que haya actuado como Paróh (el faraón), es decir, de manera opresiva, inflexible, con el corazón endurecido.

Se hace el lavado de manos y si alguno de los participantes lo desea, puede contar en qué momento de su vida actuó como Paróh y sobre lo que reflexionó.

Es importante recordar que el lavado de manos en el pueblo judío es algo elemental, es una de las primeras acciones que se debe hacer al levantarse día tras día. Este año 2020, para dar comienzo a nuevo seder de Pesaj, nos lavamos las manos para purificarnos, y dejar de lado la esclavitud que nos ha acompañado todo el año que ya ha pasado.



Karpás- כרפ

Mergulha-se a batata na água com sal

Por Pablo Mamrut (Habonim Dror Uruguai)

O karpás é um fruto que vem da terra. Temos algumas interpretações distintas que justificam sua presença na keará.

Por um lado, é um símbolo da primavera que está desabrochando na terra de Israel; representa o crescimento de um fruto da terra, nos trazendo esperança, nos lembrando que o que desejamos é possível. Todos os problemas que existem, desde os mais íntimos e pessoais de cada um, aos problemas que assolam o mundo hoje em dia, com fé e boa vontade podem ser solucionados.

Por outro lado, também faz referência ao nosso vínculo com a terra de Israel.

Pegamos o karpás, o molhamos na água com sal, abençoamos e o comemos.

Brachá

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי האדמה.

Transliteração

Baruch atá adonai, eloheinu melech haolam, borê pri adamá.

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, Criador dos frutos da terra.

El Karpás es un fruto que viene de la tierra. Vemos en él dos interpretaciones distintas.

Por un lado, símbolo de la primavera venidera en Eretz Israel; el crecimiento de un fruto de la tierra, nos da esperanza, nos recuerda que lo que deseamos es posible. Todos los problemas existentes, desde los más íntimos y personales de cada uno a los problemas que



sufre el mundo hoy en día, con fe y buena voluntad, se pueden solucionar.

Por otro lado, también hace referencia a nuestro vínculo con la Tierra de Israel.

Tomamos el Karpás, lo mojamos en agua con sal, bendecimos y lo comemos.

lachatz- יחץ

Divisão das Matzot



הא לחמה עניא די אחלו

אבהתנא

בארעה דמצרים.

כל דכפין ייתי ויכול,

כל דצריך ייתי ויפסח.

השתא אכה,

לשנה הבאה בארעה דישראל.

השתא עבדי,

לשנה הבאה בני חורי

Ha lachmá aniá di achalu avha-
taná

Bear'a demitzraim.

Kol dichpin ietei veichol,

Kol ditzrich ietei veifsach.

Hashatá hachá,

Leshaná habaá bear'a d'Israel.

Hashatá avdei,

Leshaná habaá bear'a d'Israel.

Hashatá avdei leshaná habaá

bnei chorin.

Este é o pão da miséria,

Que os nossos antepassados
comeram na terra do Egito.

Deixe que todos aqueles com
fome venham e comam;

Deixe que todos em necessida-



de venham e celebrem Pessach
conosco
Agora que estamos aqui; que
ano que vem possamos estar

na terra de Israel
Agora que somos escravos,
que no próximo ano possamos
ser livres.

Por Pablo Mamrut (Habonim Dror Uruguai)

Esta parte do seder é a segunda de várias outras que vamos nos remeter à cruel realidade da vida de nossos antepassados no Egito. Partir a matzá tem como objetivo ouvir o som dessa quebra, para nos remetermos e nos situarmos na realidade dos judeus dessa época.

Nessa divisão, também se esconde o 'Afikomán" para que, uma vez encontrado, possamos nos sentir completos e inteiros novamente.

Se toma a matzá do meio e a divide em dois. O maior pedaço será utilizado para o afikomán. O menor será usado com o pedaço de cima no amotzí para abençoar a matzá. A matzá debaixo é utilizada para fazer o sanduíche no Corech.

Esta parte del seder, es la segunda de varias otras que vamos a remitirnos a la cruda realidad de la vida de nuestros antepasados en Egipto. Romper la matzá tiene como objetivo sentir el sonido de la fractura para remitirnos y situarnos en la realidad de los judíos en esa época.

También se divide y esconde el "Afikomán" para que, una vez encontrado, podamos sentirnos completos y enteros nuevamente.

Se toma la matzá del medio y se la parte en 2. Un trozo (el más grande) se utilizará para el afikomán. El chico será usado con el trozo superior en el amotzí para bendecir la matzá. El inferior se utiliza para hacer el sándwich en el Corej.

Maguid - מגיד

Por Dan Griner (snif Rio de Janeiro)

O maguid está na Hagadá para nos contar a história de Pessach. Podemos contá-la de diversas formas e perspectivas, mas tentamos sempre abordar ela de maneira contemporânea, refletindo sobre



nossos tempos a partir do conto dos judeus no Egito, no deserto escaldante e na chegada no Monte das Oliveiras.

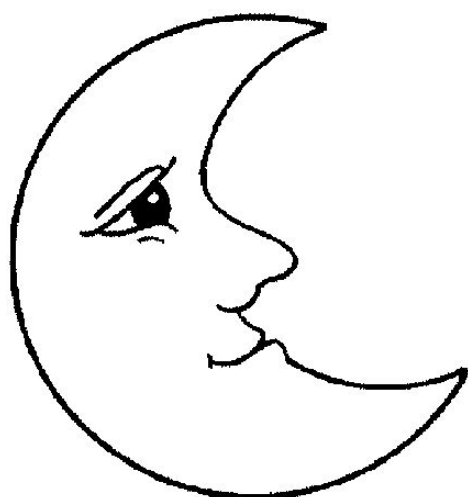
Pessach portanto é um conto sobre uma longa passagem de tempo, mais de 40 anos se contar com o período no Egito. Mas é durante o deserto que o povo mais cresce, não digo em quantidade, mas espiritualmente. No deserto eles se deparam com desafios de resiliência, pois não sabiam quanto tempo iriam demorar para chegar em Canaã, se é que chegariam, e muito menos conheciam essa terra que se destinavam.

Trago então a seguinte reflexão, como que o povo judeu, e como que nós nos dias atuais, podemos persistir em momentos difíceis? E além de persistir, crescer espiritualmente?

Ma Nishtaná - מה נשתנה

*Ma nishtana halaila haze
Mikol haleilot
Mikol haleilot
Shebechol haleilo anu ochlin
Chametz umatza, chametz
umatza
Halaila haze, halaila haze
Kulo matza
Shebechol haleilot
Anu ochlin
Shear yerakot, shear yerakot
Halaila haze, halaila haze
maror
Shebechol haleilot
Ein anu matbilin
Afilu paam achat, afilu paam
achat
Halaila haze, halaila haze
Shetei peamim
Shebechol haleilot
Anu ochlin*

*Bein yoshvin uvein mesuvin,
bein yoshvin uvein mesuvin
Halaila haze, halaila haze
Kulanu mesuvin*



מה נשתנה הלילה הזה
מכל הלילות
מכל הלילות
שבכל הלילות אנו אוכלין
חמץ ומצה, חמץ ומצה
הלילה הזה, הלילה הזה
כולו מצה
שבכל הלילות
אנו אוכלין
שאר ירקות, שאר ירקות
הלילה הזה, הלילה הזה
כולו מרור
שבכל הלילות
אין אנו מטבילין
אפילו פעם אחת, אפילו פעם אחת
הלילה הזה, הלילה הזה
שתי פעמים
שבכל הלילות
אנו אוכלין
בין יושבין
ובין מסובין, בין יושבין ובין מסובין
הלילה הזה, הלילה הזה
כולנו מסובין



Em que é diferente esta noite
De todas as noites
De todas as noites
Que todas as noites nós come-
mos
Chametz e matza
Esta noite
Somente matza
Que todas as noites
Nós comemos
Várias verduras
Esta noite
Somente maror

Que todas as noites
Nós não mergulhamos [na
água salgada]
Nem sequer uma vez
Esta noite
Duas vezes
Que todas as noites
Nós comemos
Sentados ou reclinados
Esta noite
Todos nós nos reclinamos

עבדים היינו - Avadim Hayinu

*Avadim hainu, hainu
Ata benei chorin, benei chorin
Avadim hainu*



*Ata, ata benei chorin, benei
chorin*

עבְדִּים הָיִינוּ, הָיִינוּ
עַתָּה בְּנֵי חוֹרִין, בְּנֵי חוֹרִין
עבְדִּים הָיִינוּ
עַתָּה, עַתָּה בְּנֵי חוֹרִין, בְּנֵי חוֹרִין

Escravos fomos, fomos
Agora somos livres, livres
Escravos fomos
Agora, agora somos livres,
livres

Os 4 filhos - ארבע בנים

Por David Scherb (snif Recife)

“Eu não posso criar outra alma, mas posso acordar a alma que está dormindo”. Essa frase de Janusz Korczak pode nos levar a diversas interpretações que acontecem na nossa sociedade e, de certa forma, chega a ser engraçado o poder que esta pequena afirmação, pode trazer grandes reflexões. A partir dela, conseguimos enxergar a importância que a transformação pode causar nas pessoas por meio das ações, em que as nossas atitudes acabam despertando aqueles que ainda estavam deitados na sua cama pedindo mais um minuto para continuar dormindo. A Hagadá de Pessach nos apresenta sobre quatro tipos de filhos e suas características: o sábio, o malvado, o ingênuo e o que não sabe perguntar; de como eles representam uma personalidade diferente e, em meio a isso, o comportamento que eles possuem em cada esfera, mostrando, de fato, se eles querem acordar ou continuar no sono profundo. Com isso, a Hagadá busca indagar explicações e questionamentos sobre os mesmos.



➤ **Chacham** – *O sábio*

*Chacham ma hu omer: Ma haedot
vehachukim vehamishpatim asher tziva
Adonai Elohenu etchem? Veaf ata omer
lo kehilchut hapesach ein maftirin achar
hapessach afikoman*

חכם

מה הוא אומר. מה ה"עשת והחוקים
אשר תודה יי אלהינו אתכם
אמר לו כהלכות הפסח והמשפטים
ואף אתה
מפטירין אחר הפסח אפיקומן

A pessoa sábia é a que se questiona sobre o significado dos diferentes tipos de mandamentos, assim, perguntando: "Quais são os testemunhos, leis e preceitos que D'us ordenou?". A ele possuímos o dever de lhe explicar todos os significados de Pessach, até o que aborda que depois do Seder de Pessach não nos dedicamos a nenhuma outra espécie de entretenimento.

➤ **Rashá** – *O mau*

*Rasha ma hu omer: Ma haavo-
da hazot lachem? Lachem velo
lo. Ulefi shehotzi et atzmo min
haclal kapar be'ikar. Veaf ata
hak'he et shinav veemor lo. Ba-
avur ze assa Adonai li betzeti
miMitzraim. Li velo lecha. Hilu
haita sham, lo haita nigal.*



רשע

מה הוא אומר. מה העבודה
הזאת לכם. לכם ולא לו. ולפי שהוציא
עצמו מן הכלל כפר בעקר. ועף אתה
הקהה את שניו ואמור לו. בעבור זה
עשה יי לי בצאתי ממצרים. לי ולא
את לך. אלו היית שם, לא היית נגאל

A pessoa malvada é a que diz: “Qual o significado desses costumes para vocês?”. Ao indagar “para vocês” e não “para nós” a pessoa acha que está externa ao contexto, assim, se excluindo da situação e rejeitando a essência da nossa fé. Para ele, nós respondemos com severidade: “É por tudo aquilo que o Eterno fez por mim quando saí do Egito – ‘A mim’, e não a pessoas como você, pois se estivesse lá, não terias merecido ser salvo”.

➤ **Tam** – *O ingênuo*

Tam ma hu omer: Ma zot?
Veamarta elav: Bechozek iad
hotzianu Adonai miMitzraim
mibeit avadim.

תם מה הוא

אומר. מה זאת. ואמרת אליו. בחוזק
יד הוציאנו יי ממצרים מבית עבדים

A pessoa ingênua é a que pergunta: “Qual o significado de tudo que estamos fazendo?”. A ela, nós respondemos: “Nós fazemos este Seder, pois foi com a ajuda da mão poderosa do Eterno que fomos libertos da escravidão no Egito”.

➤ **SheEino Iodeia Lishol** – *Aquele que não sabe perguntar*

Vesheeino iodea lishol, at



ptach lo: Sheneemar vehigadta

lebincha bayom hahu leemor.
Baavur ze assa Adonai li betze-
ti miMitzraim.

**ושאינו יודע לשאול. את פתח לו.
שנאמר והגדת לבנך ביום ההוא לאמור.
בעבור זה עשה יי לי בצאתי ממצרים**

Ao que ainda não sabe perguntar, cabe a nós termos iniciativa e contar-lhe a história. Assim, “Contarás ao teu próximo que: ‘Tudo isto é em comemoração àquilo que o Eterno fez por nós, quando nos libertou do Egito”

A partir da leitura, conseguimos identificar que as características dos quatro filhos mostram muito mais do que o nosso comportamento no mundo judaico. Compreendemos que é abordado também a maneira como interagimos diante à sociedade e os fatos que nos rodeiam, sejam a partir das influências ou das nossas próprias atitudes. Durante momentos da nossa vida passamos por essas fases, nas quais lidamos com mudanças e nos adaptamos ao contexto que vivemos, assim, não se desesperando nessas situações. De uma forma geral, podemos nos encontrar na posição de sábios e fazermos perguntas inteligentes ou acabarmos sendo ingênuos e aceitarmos o mundo sem procurar entender. Há também aquele momento em que somos perversos, e passamos a fazer perguntas maldosas, e aquele outro que de tão apavorados não sabemos o que perguntar. Entendamos que não é fácil elaborar perguntas, assim como, não é fácil se adaptar às novas situações, mas acaba sendo um processo de extrema importância essa transformação.

- OS QUATRO FILHOS DA EDUCAÇÃO JUDAICA



Além do mais, conseguimos interpretar e refletir que os quatro tipos de filhos também podem ser vinculados como chaverim do Habonim Dror com diferentes relações com o judaísmo:

O **sábio** seria o(a) chaver(á) que sempre teve uma forte educação e identidade judaica, usando dessa característica para sempre estar fazendo ações positivas tanto para si, para a tnuá, como também para o mundo. Nesse contexto, acaba a nós a missão de sempre estar indagando cada vez mais e incentivando a partir de textos para aprofundar sobre o judaísmo e promover novas reflexões.

O **malvado** seria o(a) chaver(á) que sempre teve uma educação judaica, mas nunca a usou para pensamentos e atitudes que gerassem uma integração com os demais, promovendo um sentimento de egoísmo forte. Como já dizia Golda Meir, “Não é possível apertar as mãos com o punho fechado”. Ou seja, com o intuito de fazê-lo abrir a mão e apertar a do próximo, cabe a nós trazermos questionamentos em relação à sua ação e sobre a importância do respeito com os demais, ao qual irá proporcionar um melhor relacionamento na tnuá e na comunidade.

O **ingênuo** seria o(a) chaver(á) que recebeu uma educação judaica simples e, por isso, apresenta muitas dúvidas sobre o seu judaísmo, podendo apresentar certo desconforto ao estar entre a comunidade. Por isso, muitos questionamentos estão ao seu redor, sendo esse o motor que o mantém para as devidas reflexões. Assim, é interessante o madrich estar por perto com o intuito de ajudá-lo em qualquer situação, assim, promovendo uma maior abertura dele com a tnuá, com a comunidade e com o judaísmo.

Aquele(a) que não sabe perguntar, seria o chaver(á) que não possuiu uma educação judaica durante a sua formação e, por meio disso, apresenta um grande distanciamento com o judaísmo. Além disso, está desmotivado em perguntar sobre a situação, o afastando ainda mais do meio tnuati. Assim, cabe a nós, madrichim, promover e



instigar conteúdos e questionamentos para que esse chaver(á) tenha a motivação de estar presente, assim, indagando curiosidades sobre o judaísmo.

As 10 Pragas - עשר המכות

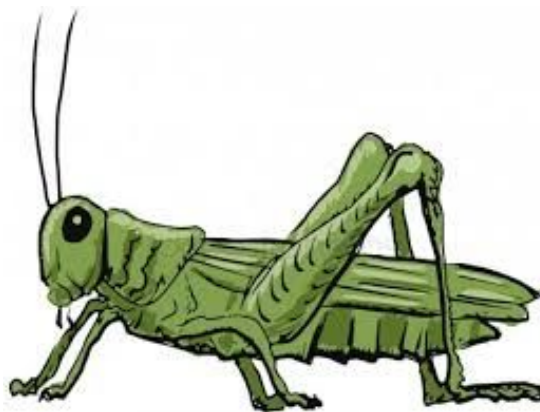
Por David Scherb (snif Recife)

Números. Já pararam para pensar que eles sempre estão presentes na história da vida judaica? Quatro. São as matriarcas. Três. São os patriarcas.

Quatrocentos. Os anos de escravidão. Quarenta. Os anos que levamos para chegar na Terra prometida. Dez. O número de pragas emanadas pelo Eterno para que a nossa liberdade fosse concretizada. Os judeus foram escravos no Egito durante esse período, sendo tratados da forma mais cruel e desumana. Entretanto, Moisés, que havia nascido numa família judia, mas tinha sido criado como um príncipe egípcio, exigiu ao Faraó que libertasse o seu povo. O povo hebreu. A ordem não foi aceita e os tratamentos foram sendo cada vez piores e, por consequência dessa atitude, D'us castigou o Faraó e toda comunidade egípcia com as dez pragas, além de uma calamidade que foi formada, com o intuito de salvar e garantir a liberdade dos hebreus.

Agora sim. Podemos falar que estamos em Zeman Cherutênu, ou seja, no tempo da nossa liberdade, que finalmente conseguimos sair da situação que nos aprisionavam. Mas, de fato, qual seria a nossa liberdade nos dias de hoje? Será que o egoísmo, o desrespeito, o preconceito são as nossas pragas? Estamos livres delas?

Ao olharmos para essa história, vemos apenas o nosso lado. No entanto, essa noite e essa Hagadá são diferentes. Assim, buscamos lembrar de todos aqueles que estiveram envolvidos nessa história, aqueles que não costumamos lembrar. Desta forma, buscamos não só falar daqueles que sofreram, mas também dos que sofrem na atualidade, homenageando-os de forma igual aos nossos antepassados.





Cada uma das 10 pragas é lida em voz alta e, para cada uma, deve-se derramar uma gota de vinho do copo (ou tirar com o dedo mindinho). Esse costume tem origem no Midrash: Ele nos conta que, quando D'us abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida, afogando os perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus repreendeu-os, dizendo: "Minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?". Esse contexto representa que nossa alegria não pode estar completa se nossa redenção causou grande sofrimento à população do Egito; que não devemos nos alegrar na hora da dor de outras pessoas, mesmo na dor de nossos inimigos. Somos todos seres humanos. Por isso, derramamos vinho do nosso copo. Ele não pode estar cheio ao comentarmos a tristeza alheia.

1. **Dam (Sangue)**, pelos judeus que foram escravizados no Egito;
2. **Tsefardêa (Rãs)**, pelos judeus que não tiveram a oportunidade de fugir do Egito;
3. **Kinim (Piolhos)**, pelos judeus que não tiveram forças para andar pelo deserto;
4. **Aróv (Animais Ferozes)**, pelas judias cujas histórias no deserto não contamos;
5. **Déver (Peste)**, por todos os primogênitos que foram sacrificados;
6. **Shechin (Sarna)**, por todos aqueles que foram e são escravizados no mundo em que vivemos;
7. **Barad (Granizo)**, por todos aqueles que não tem o direito de falar o que precisa ser escutado;
8. **Arbê (Gafanhotos)**, por todos aqueles que não tem força de lutar;



9. **Chóshech (Ecuridão)**, por todas as mulheres que são silenciadas, agredidas e violentadas todos os dias;

10. **Macat Bechorot (Morte aos primogênitos)**, por todos os inocentes que morrem todos os dias;

Dayenu - דיינו

Por Gabriel Bouqvar (snif Rio de Janeiro)

Dayenu é traduzido como "bastaria", "seria suficiente". Uma música cantada no seder para nos lembrarmos de olharmos nossa história, a trajetória do povo judeu, com uma perspectiva otimista. Algo parecido com a metáfora do copo d'água: se ele está cheio até sua metade, já é suficiente. Mesmo que a música seja bastante religiosa, com as conquistas comemoradas sendo de origem divina, podemos tirar algumas reflexões e perguntas que nos traga para a visão humanista e nos faça voltar ao tema dessa hagadá.

Em momentos difíceis, quando nosso judaísmo fica mais restrito, quais de nossas práticas é de fato suficiente? Quando não podemos ir na sinagoga, acender nossas velas de shabat e ficamos incapazes de cantarmos nossas canções, o que ainda é suficiente para nos dizer: estamos exercendo nosso judaísmo? O que podemos tirar, ou ser retirados, pela circunstâncias em nossa volta, que ainda deixe o suficiente para sermos gratos?

Essa reflexão pode ser levada de diversas formas. Imagino que a maioria delas parte de um princípio reducionista, isto é, tentando especificar o que é central e vital de nosso judaísmo. O essencial, imprescindível. Podemos fazer uma listagem, assim como a letra da música faz, em que a cada verso exemplifica coisas como o Shabat, a Torá, Israel e o Templo. São esses os presentes que comemoramos, que agradecemos aqui. Ossos estruturais de um esqueleto que desenhamos. Quer dizer que sem eles não é suficiente?

É muito fácil pegar essa lista e torná-la uma potente autocrítica. Usar ela como itens que ainda nos falta. O que neste momento estamos deixando de fazer? O que nós temos que adaptar e não



pode deixar de ser feito? Será que as circunstâncias limitadoras tiraram algo de essencial? Acredito que não precisa de muito para eventualmente estarmos contando derrotas e nos entregando à uma tensa corrida, tentando de maneira pressionada pegar o máximo dessa lista e acumular práticas para deixarmos nosso esqueleto bonitinho e montado.

Mas é possível tomar alguns passos para trás e tentar enxergar isso tudo sobre uma outra visão. A visão que a música nos propõe, otimista. Uma interpretação que se pode ter da música é que a comemoração não se dá pelo acúmulo dos presentes que temos, mas sim por reconhecer que cada um deles é importante, pois demonstram uma intenção por trás. Uma evidência de algo profundo que por si próprio é suficiente para sermos gratos. Na letra, Deus demonstra carinho pelo povo em cada ação, o que já seria suficiente, pois a mensagem fica clara. Ao escolhermos nossa mensagem, nossa intenção, sabemos que cada ação é digna e importante. Cada osso conta. Então só podemos acender as velas dentro de casa? Ótimo! Só podemos comemorar Pessach com os que estão mais perto? Brilhante!

Nesse momento, onde há barreiras em muitas partes, comemorar cada ato, cada atitude que fazemos em prol do nosso judaísmo como uma conquista é algo que possa fazer olharmos as situações de formas diferentes, de maneira mais positiva. Assim como Dayenu nos propõe.

אלו הוציאנו ממצרים

ולא עשה בהם שפטים

דינו

*Ylu hotsianu mimitzraim
v'lô assáh bahem shf'atim
Daienu*

Se Ele nos tivesse trazido do Egito

E não tivesse feito Seus Juízos sobre eles (os egípcios)

Seria suficiente para nós

אלו עשה בהם שפטים



ולא עשה באלהיהם

דינו

*Ylu assáh bahem sh'fatim
velô assáh baeloheihem*

Daienu

Se Ele fizesse Seus Juízos contra eles (os egípcios)
mas não tivesse feito Juízo contra os deuses deles
Seria suficiente para nós

אלו עשה באלהיהם

לא הרג את בכוריהם

דינו

*Ylu assáh beloheihem
vêlo harag et bechoreihem*

Daienu

Se Ele tivesse feito seu Juízo sobre os deuses deles
mas não tivesse matado seus primogênitos
Seria suficiente para nós

אלו הרג את בכוריהם

ולא נתן לנו את ממונם

דינו

*Ylu harag et bechoreihem
vêlo natan lanu et mamonam*

Daienu

Se Ele tivesse matado seus primogênitos
Mas não tivesse nos dado as riquezas deles
Seria suficiente para nós

אלו נתן לנו את ממונם



ולא קרע לנו את הים

דינו

Ylu natan lanu et mamonam

vêlo kará lanu et hayam

Daienu

Se Ele tivesse nos dado as riquezas deles

Mas não tivesse aberto o mar para nós

Seria suficiente para nós

אלו קרע לנו את הים

ולא העבירנו בתוכו בחרבה

דינו

Ylu kará lanu et hayam

vêlo he'eviranu betocho becharaváh

Daienu

Se Ele tivesse aberto o mar para nós

Mas não tivesse nos conduzido por ele, em terra

seca

Seria suficiente para nós

אלו העבירנו בתוכו בחרבה

ולא שקע צרינו בתוכו

דינו

Ylu he'eviranu betocho becharaváh

vêlo shiká tsareinu betocho

Daienu

Se Ele tivesse nos conduzido por ele em terra

seca

Mas não tivesse afogado nele os nossos

opressores

Seria suficiente para nós

אלו שקע צרינו בתוכו



ולא ספק צרכנו במדבר ארבעים שנה

דינו

*Ylu shiká tsareinu betocho
vêlo sipek tsarakenu bamidbar arbaim shaná
Daienu*

Se Ele tivesse afogado nele nossos opressores
Mas não tivesse suprido nossas necessidades no
deserto por quarenta anos
Seria suficiente para nós

אלו ספק צרכנו במדבר ארבעים שנה

ולא האכילנו את המן

דינו

*Ylu sipek tsarakenu bamidbar arbaim shaná
vêlo há'achilanu et haMan
Daienu*

Se Ele tivesse suprido nossas necessidades no
deserto por quarenta anos
Mas não tivesse nos alimentado com o Man
(Maná)
Seria suficiente para nós

אלו האכילנו את המן

ולא נתן לנו את השבת

דינו

*Ylu há'achilanu et haMan
vêlo natan lanu et haShabat
Daienu*

Se Ele tivesse nos alimentado com o Man (Maná)
Mas não tivesse nos dado o Shabat
Seria suficiente para nós



**אלו נתן לנו את השבת
ולא קרבנו לפני הר סיני**

דינו

*Ylu natan lanu et haShabat
vêlo kervanu lifnei Har Sinai
Daienu*

Se Ele tivesse nos dado o Shabat
E não tivesse nos conduzido ao Monte Sinai
Seria suficiente para nós

**אלו קרבנו לפני הר סיני
ולא נתן לנו את התורה**

דינו

*Ylu karvanu lifnei Har Sinai
vêlo natan lanu et haToráh
Daienu*

Se Ele tivesse nos conduzido ao Monte Sinai
Mas não tivesse nos dado a Torá
Seria suficiente para nós

**אלו נתן לנו את התורה
ולא הכניסנו לארץ ישראל**

דינו

*Ylu natan lanu et haToráh
vêlo hichnisanu l'eretz Israel
Daienu*

Se Ele tivesse nos dado a Torá
Mas não tivesse nos levado à terra de Israel
Seria suficiente para nós

**אלו הכניסנו לארץ ישראל
ולא בנה לנו את בית המקדש**



*Ylu hichnisanu l'eretza Israel
vêlo banáh lanu et Beit HaMikdash
Daienu*

Se Ele tivesse nos levado à terra de Israel
Mas não tivesse construído para nós o Beit
HaMikdash ("Casa da Santidade", o Templo)
Seria suficiente para nós

Pesach Matza Umaror

Segundo Raban Gamliel, aquele que não disser essas três palavras, não terá cumprido seu papel no Seder.

Pessach, Matzá, Umaror

פֶּסַח, מַצָּה וּמָרוֹר

Iesh shloshá dvarim shetzarich lizkor

יש שלוש דברים שצריך לזכור:

Pessach, matzá umaror.

פֶּסַח, מַצָּה וּמָרוֹר

Há três coisas das quais se precisa lembrar: Pessach, Matzá e Maror.

2º Copo de Vinho - À valorização dos laços familiares

Por Alice Rosenthal (snif São Paulo) e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)



Dedicamos este copo à convivência com o outro que está perto em meio ao mar de instabilidade do mundo externo. O contato e convivência intensa com aqueles que habitam o mesmo teto são potencializados e devem ser valorizados.

Uma vez que todos acabam por ocupar o mesmo refúgio, a vida comum deve ser vista como forma de fomento dos laços primários e de possibilidade de reconstituição, significação e entendimento do outro.

O seder é sempre um momento de coletividade dos mais próximos, momento em que a família se une e celebra o chag. Na situação em que nos encontramos, em que estamos impossibilitados de estar com aqueles que consideramos família, devemos valorizar aqueles que podem estar conosco nessa noite e aquilo que está ao nosso alcance de celebração.

Le chaim!

Olhos (Yehuda Amichai)

Os olhos do meu filho mais velho são como figos negros
que nasceram no fim do verão.

Os olhos do meu filho menor são claros como
gomos de laranjas, pois ele nasceu na estação delas.

Os olhos da minha filha pequena são redondos
como as primeiras uvas.

Todos são doces na minha preocupação.

Os olhos de meu Deus vagam por toda a terra
e meus olhos procuram sempre ao lado de casa.



Deus se ocupa dos olhos e das frutas
eu com o negócio da preocupação.

Brachá

ברוך אתה יהוה
אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן

Transliteração

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá ressignificada:

Que esse copo de vinho, ao ser compartilhado, tenha o poder da união, reforçando nossos laços e origens.

Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha.

Rachtza - רחצה

Lavam-se as mãos antes de se comer a refeição

Por Leonardo Fontenelle (snif Rio de Janeiro)

Lavar ou purificar em hebraico, Rachtza é uma tradição judaica que remete à lenda do poço de Miriam, irmã de Moshé. Durante a travessia do Egito até a terra de Canaan, havia um poço de água que seguia Miriam e ajudava o povo judeu em seu trajeto árduo. Um gole de suas águas era o suficiente para acalmar o coração, a alma e a mente.

Em Aramaico, língua irmã do Hebraico, rachtzá quer dizer confiar.



Nesses tempos nebulosos lavar as mãos não é só um ato necessário para manter nossa saúde, mas é também um ato de confiança, que é extremamente necessária para que nossa sociedade vença esse desafio.

Precisamos nos unir, seja em família ou como comunidade, assim como o povo judeu se uniu para desafiar as forças do Faraó e sair do Egito.

Agora lavamos as mãos, para purificar o momento desse Seder e gerar confiança, em nós mesmos e nos outros, de forma a acalmar o coração, a alma e a mente.

Motzi - מוציא

A pessoa conduzindo o seder ergue as matzot e diz:

בָּרוּךְ אַתָּה יי אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם הַמוֹצִיא לֶחֶם מִן הָאָרֶץ

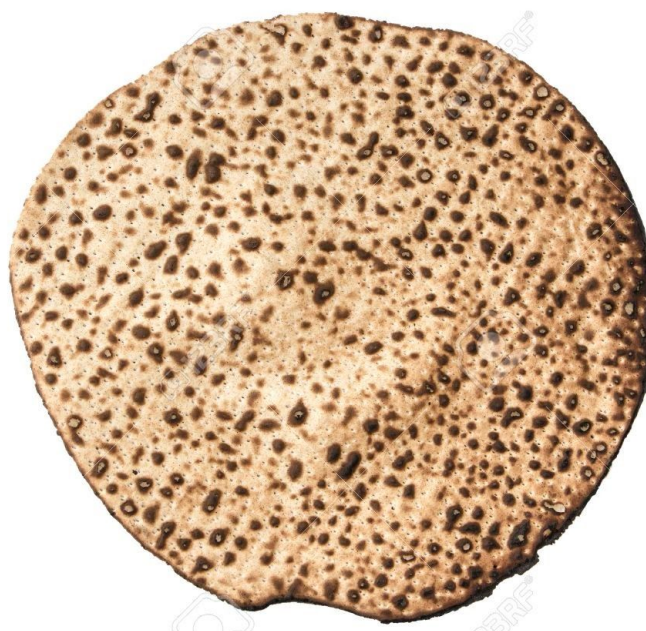
Transliteração

Baruch Atá Adonai Eloheinu melech haolam hamotzi lechem min
haaaretz

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, Soberano do universo,
que extrai o pão da terra.

Matzá - מצה



Por Julia Brafman e Luísa Nigri (snif Rio de Janeiro)

A Matzá, também conhecida como Pão Ázimo, é feita apenas de farinha branca e água, sem a utilização de qualquer tipo de fermento.

Durante Pessach, elimina-se dos lares judaicos todos os alimentos fermentados, chamados de "Chametz". A palavra "Chametz", transliterada do hebraico, significa fermento e levedura. Porém, essa palavra também engloba qualquer alimento produzido com alguma das cinco espécies de cereais: centeio, trigo, cevada, aveia e trigo sarraceno - ou qualquer derivado que tenha entrado em contato com água, pois isso desencadearia no processo de fermentação do alimento.

Após o cumprimento das 10 pragas, o Faraó decretou a liberdade dos hebreus. Com medo do que poderia acontecer, os hebreus arrumaram suas malas rapidamente e levaram consigo, apenas pães sem fermento, conhecidas como Matzot.

Portanto, a resistência a alimentos não fermentados e comer a matzá retratam a memória da força do nosso povo, pois a voz de liberdade falou mais alto do que a necessidade de um alimento mais rico ou mais tentador.

Após a brachá, come-se a matzá.

"E levou o povo a sua massa antes que estivesse levedada" (Êxodo 12:34)



"...Sete dias comerás, nela, pães ázimos... porque apressadamente saíste da terra do Egito; para que te recordes do dia da tua saída da terra do Egito, todos os dias da tua vida." (Deuteronômio 16:3)

Brachá tradicional

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם אשר קדשנו במצותיו וצונו
על אכילת מצא

Transliteração

*Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam Asher kidshanu be- mitzvotav
vetzivanu al achilat matzá.*

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com suas mitzvot e nos ordenou acerca do comer da matzá.

Maror - מרור

Por Julia Brafman e Luísa Nigri (snif Rio de Janeiro)

A palavra "Maror" vem do hebraico e significa amargo. Comemos Maror em pessach para simbolizar a amargura da escravidão do povo hebreu no Egito, que pode ser representada pela raiz forte. Para Raban Gamliel, nunca devemos esquecer o passado, e para isso, devemos comer o Maror para simbolizar a escravidão amarga em que nossos antepassados estiveram.

"O judaísmo sefardi manteve o conteúdo – a espécie – e mudou a forma de chamá-la, passando a referir-se ao Maror pela palavra em aramaico khasa. O judaísmo ashkenazi, por sua vez, manteve a forma – chazeret – mas mudou o conteúdo, trazendo outra espécie. O que importa mais, a forma ou o conteúdo? Usar a palavra original ou comer a espécie original?



Pouco importa. Porque a amargura possui um gosto diferente para cada pessoa. Ambas as práticas são relevantes, desde que se recorde a amargura da escravidão no Egito. E mais, qualquer um que vivencie a amargura merece ter sua dor lembrada e escutada. Alguém deixa de lembrar a escravidão porque adotou-se outra palavra para lembrá-la? Ou outra erva? Talvez estes sejam os mesmos que não se lembram do antissemitismo, dizendo que judeus são paranoicos com isso. Talvez sejam os que não se lembram do racismo, dizendo que é vitimismo da população negra. Ou os mesmos que fecham os olhos para o machismo, falando que a luta feminista é “mimimi”. Quem sabe os mesmos que fecham os olhos para a xenofobia, islamofobia, homofobia, transfobia e tantas outras formas de intolerância que vemos por aí. Afinal, tudo aquilo que não se encaixa em uma forma e conteúdo específicos, não é relevante. Que se mude a forma, que se mude o conteúdo, mas que se mantenha aquilo que mais importa: a essência. E que este Maror amargo nos lembre da essência de Pessach: a luta contra a opressão em prol da liberdade." *(Retirada da Hagadá de Pessach artzi do Habonim Dror 2018)*

Após a brachá, come-se o maror.

Brachá

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם אשר קדשנו במצותיו וצונו
על אכילת מרור

Transliteração

*Baruch Ata Adonai Eloheni Melech haolam Asher kidshanu be- mitzvotav
vetzivanu al achilat maror.*

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com suas mitzvot e nos ordenou acerca do comer do maror.

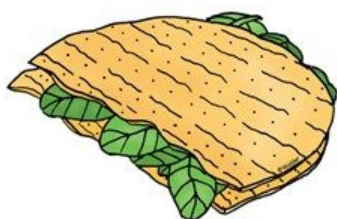
Korech - כורֶךְ



Faz-se um sanduíche de maror entre dois pedaços de matzá.

Essa união simboliza o contraste entre a amargura da escravidão, simbolizada pelo maror e a liberdade, simbolizada pela matzá. Um olhar para essa tradição nos apresenta que só se pode experimentar de fato a liberdade quem conheceu alguma forma de aprisionamento. Assim também o é com outros sentimentos: damos muito valor à alegria depois de termos estado entristecidos.

Que ao fim da quarentena, possamos valorizar ainda mais o que nessa noite sentimos saudade.



Shulchan Orech - שולחן אורח

Por Jennifer Jeronimide (snif Rio de Janeiro)

É a ideia de se pôr à mesa para realizar refeições durante o sêder de Pêssach, que refere-se ao jantar cerimonial judaico que se relembra a história do Êxodo e a libertação do povo de Israel.

Neste sêder de Pessach, durante o momento delicado que estamos vivendo decorrente da pandemia do coronavírus pode ser diferente, pois não necessariamente quem amamos pode estar junto conosco sentados à mesa. Portanto, devemos celebrar apenas com pessoas de nossa convivência e lembrar das outras que estão em nossos corações. Comer os alimentos de importância simbólica em Pessach e em outras festas judaicas não é costume. Pelo contrário, é



uma prática, fortemente estimulada pelo Talmud, e até codificada no *Shulchan Aruch* (outro conceito do judaísmo), o Código de ética da Lei Judaica.

Tzafun - צפון

Por David Scherb (snif Recife)



Após o jantar, e antes de recitar o Bircat HaMazon (Benção após as Refeições), comemos o Afikomán – o pedaço de Matzá quebrado. Ao se aproximar do fim da refeição, chega a hora da procura pelo Afikomán. É um momento de protagonismo das crianças, em que as convidamos para buscar o pedaço de matzá escondido. Ao ser encontrado, o pedaço é dividido entre todos e criou-se a tradição de não se comer após esse pedacinho de matzá, para que o gosto desse partilhamento fique na boca de todos e todas até o fim da noite.

O Afikomán é denominado Tzafun, “oculto”, por ser o pedaço da Matzá que foi escondido após realizar Yachatz – a quebra da Matzá do meio. Quando nos referimos ao ser oculto, podemos vincular com a nossa questão interna e sobre o que ocultamos diante os demais que



possam acabar privando nossa liberdade e podendo impedir que sejamos como queremos ser.

Barech - ברך

3º Copo de Vinho - *À afetação pelo outro que está longe*

Por Alice Rosenthal (snif São Paulo) e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)

Queremos neste copo homenagear o movimento de afetação pelo outro, esse outro que não é aquele que coabita nosso espaço de intimidade. Em tempos de desmonte de toda uma estrutura social construída ao longo de décadas, é importante que nos atentemos àqueles que estão mais vulneráveis aos efeitos desta crise sistemática.

É importante, neste momento, também direcionarmos o olhar para as classes populares de nossa sociedade que, além de sofrer consequências econômicas prejudiciais futuras, não possuem nem os recursos mínimos para sua higiene e proteção, seja própria, ou de pessoas próximas. Sendo assim, os fatores de risco fisiológico se agravam diante dos grandes riscos sociais. Se aquilo que se apresenta como a realidade atual nos causa uma completa impotência, é necessário que abramos caminhos para o que podemos fazer ao nosso pequeno alcance.

Le chaim!

Brachá

ברוך אתה יהוה

אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן

Transliteração

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Tradução

Abençoado sejas Tu, ó Eterno,
nosso Deus, rei do Universo,
que cria o fruto da vinha.



Brachá ressignificada

Que experimentar a sensação de que esse Outro distante importa nos mobilize a ações viáveis no presente e no futuro.

Eliahu Hanavi - אליהו הנביא

Por Iris Goldbach (snif Rio de Janeiro)

אֱלִיָּהוּ הַנָּבִיא

אֱלִיָּהוּ

הַתִּשְׁבִּי

אֱלִיָּהוּ

הַגִּלְעָדִי

בְּמַהְרָה יָבֵא

אֵלֵינוּ עִם מָשִׁיחַ בֶּן

דָּוִד

Eliyahu hanavi

Eliyahu hatishbi,

Eliyahu hagil'adi -

Bim'hera yavo

heleinu, im

mashiach ben David.

Eliahu, o profeta

Eliahu, o "tishbita"

Eliahu, o guiladita

Rapidamente virá a

nós Com o messias,

filho de David

Na mesa do seder colocamos um copo de vinho reservado para o profeta Eliahu Hanavi. Abrimos nossas portas para que ele entre e esperamos. Todos os anos queremos sua presença no seder e o copo é o nosso convite para sua participação.

Uma forma, digamos, científica de comprovar sua presença na festividade é ver se o copo ao final da noite ficou, nem que seja um pouco, mais vazio (a não ser que isso tenha sido obra de alguém, que desatento, pegou a taça errada da mesa) . Porém, mesmo que isso não ocorra, não é motivo para preocupação, pois o profeta fez parte de nosso Pessach.

Não digo necessariamente no sentido físico da matéria, mas sim, do emocional. Pois, se em todos os anos lembramos dele e o dedicamos um momento de nossas noites, pelo menos em nossa memória ele estará lá presente. Virou tradição.

É curioso como as tradições nos acompanham, elas são cíclicas e por isso são repetidas à medida que crescemos. No entanto, isso não



significa que ficam intactas, pois, assim como nós, também estão sujeitas às mudanças do tempo, além da interpretação individual. Dando diversidade até mesmo a uma festa, como a de Pessach, que, por própria definição (“pessach” significa ordem ou sequência específica) acreditaríamos que seria celebrada de forma idêntica em todo planeta.

Porém, tradições também desaparecem, ou pelo tempo, por terem se tornado obsoletas (não mais significativas), ou por impedimentos causados por fatos históricos, que foi o que aconteceu no Egito com a sinagoga de Eliyahu Hanavi na Alexandria.

Construída no século 14, a sinagoga teve que ser fechada em 2012, o que indicaria talvez o fim de um centro de tradições... Se não fosse pelo fato de que em 2017 o governo egípcio financiou sua restauração e, um ano depois, ela ter entrado no Worlds Monuments Fund, o que proporcionou sua reabertura em 2020. Com isso, vemos que uma tradição também pode ser recuperada, pois agora se abre um novo capítulo para uma comunidade judaica local e mundial. Mundial não apenas porque somos um povo, mas também pela localização da sinagoga. Um país de tanta história, seja ela antiga, por ter sido lar de Yossef (que protegeu o Egito interpretando sonhos) e cenário da história de Pessach, ou recente, pois em muitas famílias existem ou existiam pessoas que vieram de lá.

Que nessa noite, então, lembremos de Eliahu, o profeta que visita nossas casas e faz com que nos conectemos com nossas tradições. Que tenhamos as portas abertas e um copo de vinho esperando para a chegada de novas transformações.

Hallel - הלל

As últimas bênçãos

Echad Mi Yodea - אחד מי יודע



Echad mi yode'a
Echad ani yode'a
Echad Elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shnaim mi yode'a
Shnaim ani yode'a
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shlosa mi yode'a,
Shlosa ani yode'a.
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Arba mi yode'a
arba ani yode'a
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Chamisha, mi yode'a
Chamisha, ani yode'a
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shisha, mi yode'a?
Shisha, ani yode'a
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah



arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shiv'ah mi yode'a
shiv'ah ani yode'a.
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shmonah mi yode'a
shmonah ani yode'a
shmonah yemei milah
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Tish'ah mi yode'a
tish'ah ani yode'a.
tish'ah chodshei leidah
shmonah yemei milah

shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot



Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Asara mi yode'a
asara ani yode'a
asara dibraya
tish'ah chodshei leidah
shmonah yemei milah
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Achad asar mi yode'a
achad asar ani yode'a
achad asar kochvaya
asara dibraya
tish'ah chodshei leidah
shmonah yemei milah
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shneim-asar mi yode'a
shneim-asar ani yode'a
shneim-asar shivtaya
achad asar kochvaya



asara dibraya
tish'ah chodshei leidah
shmonah yemei milah
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Shlosa-asar mi yode'a
Shlosa-asar ani yode'a
Shlosa-asar midaya
shneim-asar shivtaya
achad asar kochvaya
asara dibraya
tish'ah chodshei leidah
shmonah yemei milah
shiv'ah yemei shabatah
Shisha, sidre mishna
Chamisha chumshei torah
arba imahot
Shlosa avot,
shnei luchot habrit
echad elokeinu shebashamaim uva'aretz.

Tradução

Um quem sabe?

Um eu sei:

Um Deus que está no céu e na terra



Duas quem sabe?

Duas eu sei:

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Três quem sabe?

Três eu sei:

Três patriarcas, Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Quatro quem sabe?

Quatro eu sei:

Quatro matriarcas, Três patriarcas

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Cinco quem sabe?

Cinco eu sei:

Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas

Três patriarcas, Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Seis quem sabe?

Seis eu sei:

Seis livros da mishná, Cinco livros da Torá

Quatro matriarcas, Três patriarcas

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Sete quem sabe?

Sete eu sei:

Sete dias da semana, Seis livros da mishná

Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas



Três patriarcas, Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na terra

Oito quem sabe?
Oito eu sei:
Oito dias para a circuncisão, Sete dias da semana
Seis livros da mishná, Cinco livros da Torá
Quatro matriarcas, Três patriarcas
Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na terra

Nove quem sabe?
Nove eu sei:
Nove meses para o nascimento, Oito dias para a circuncisão
Sete dias da semana, Seis livros da mishná
Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas
Três patriarcas, Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na terra

Dez quem sabe?
Dez eu sei:
Dez mandamentos, Nove meses para o nascimento
Oito dias para a circuncisão, Sete dias da semana
Seis livros da mishná, Cinco livros da Torá
Quatro matriarcas, Três patriarcas
Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na terra

Onze quem sabe?
Onze eu sei:

Onze estrelas [que Yosef viu no sonho], Dez mandamentos
Nove meses para o nascimento, Oito dias para a circuncisão
Sete dias da semana, Seis livros da mishná
Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas



Três patriarcas, Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na terra

Doze quem sabe?

Doze eu sei:

Doze tribos, Onze estrelas

Dez mandamentos, Nove meses para o nascimento

Oito dias para a circuncisão, Sete dias da semana

Seis livros da mishná, Cinco livros da Torá

Quatro matriarcas, Três patriarcas

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Treze quem sabe?

Treze eu sei:

Treze atributos de Deus, Doze tribos

Onze estrelas, Dez mandamentos

Nove meses para o nascimento, Oito dias para a circuncisão

Sete dias da semana, Seis livros da mishná

Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas

Três patriarcas, Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Nirtzá- נרצה

4º Copo de Vinho - *Ao desejo de uma vida em comunidade*

Por Alice Rosenthal (snif São Paulo) e Luana Papelbaum (snif Rio de Janeiro)

Queremos nesse copo trazer o questionamento sobre como a falta do encontro humano nos leva à sua valorização. O povo judeu, mesmo que isolado em diversos espaços do mundo, parece-nos que sempre buscou manter suas tradições comunitárias, marcos de coletivização de suas experiências. Não à toa temos instituições como as tnuot (movimentos juvenis), que permitem o encontro na sua forma mais humana de todas:



aquela que propõe a reflexão e que promove a educação de crianças e jovens judeus há mais de um século.

No momento em que estamos hoje, nesse Seder, vivemos algo completamente excêntrico: o desejo insaciável de coletivizar nossas experiências dessa data tão especial que é Pessach. Provavelmente ele está sendo feito em casas diferentes, sendo partilhado a partir de dispositivos digitais, ou senão, no pensamento, cada um traz vontade de estar com alguém que não pode comparecer fisicamente a esse encontro.

Em um mundo em que os encontros virtuais vinham crescendo constantemente e inclusive, talvez, ameaçando no imaginário a substituição de certos modos de encontros físicos, percebemos que o contato humano, olho a olho, em tempos de restrição do mesmo, se mostra vital.

Le chaim!

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה

אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá resignificada:

Que a falta que temos hoje de grandes encontros se converta em longos abraços o mais breve possível.

Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha.

BeShana HaBah BeYersuhalaim

Por Leonardo Fontenelle (snif Rio de Janeiro)

בשנה הבאה בירושלים

Se já existe um Estado Judeu na terra de Israel com sua capital política em Jerusalém por que continuar com o mantra, “Ano que vem,



em Jerusalém”? O que essa frase significa nos dias de hoje para os Judeus, em Israel e na Diáspora?

Ao recitar esta famosa frase as interpretações podem variar a depender das opiniões, contexto, cultura, criação e estudo do leitor. Normalmente recitada no Seder de Pessach e no fim de Yom Kippur, “ano que vem em jerusalém”, além de ratificar a importância da cidade na tradição judaica clássica se refere a chegada do Mashiaich e que este traria a construção de um novo templo em Jerusalém e unificaria o povo durante a era messiânica. Muitos judeus não concordam com esta visão ou consideram insuficiente. Dessa forma, cada judeu pode interpretar a frase como bem entender, conectando-a a suas necessidades atuais.

O nome Jerusalém em Hebraico é Yerushalaim que é formado pelas palavras Yireh (aquele que vê Deus) e Shalem (completo), que é da mesma raiz que Shalom (paz). Porém, o nome Yerushalaim também pode ser formado pelas palavras Yerusha (herança) e Yaim (plural, dupla). Múltiplas interpretações podem surgir, uma delas é que Jerusalém, não somente como um lugar físico, representa a integralidade da sociedade humana com Deus. Entretanto, deve haver cautela com a idealização de Jerusalém como cidade abstrata, a imagem da cidade dourada do Tanach. Talvez a responsabilidade de reparação do mundo (Tikun Olam), e portanto de Jerusalém, seja nossa, de tratarmos de lutar por um mundo mais justo e igualitário. Se esse mundo não vier agora, “talvez venha ano que vem”, como escrito por Michele Alperin.

A tradição remete também à eterna promessa de que virão tempos melhores, de que todos os males que afligiram o povo judeu passaram, seja a escravidão no Egito, a destruição do primeiro templo ou o exílio. Outra tradução para Yerushalaim (ירושלים) é “cidade da paz”, não porque é uma cidade que tem uma história pacífica, mas pela promessa do que ela pode ser, uma cidade harmoniosa, justa e igualitária entre seus povos. Pessach é um chag dedicado a celebrar redenção e liberdade, entretanto também deve ser usado para sempre lembrarmos que independente das dificuldades que passamos atualmente, tempos melhores virão, de paz e justiça, seja em Israel ou



na Diáspora. Ao recitarmos “ano que vem em Jerusalém” temos que relembrar que o ser humano é movido por esperança. Sem ela, por que seguir?



Ale VeHagshem!

חג פסח שמח!